

Projeto Tempus: Percurso de criação

Tempus Project: Creative path

Proyecto Tempus: Caminos de creación

Bruna Penna Mibielli

ESTE: estudo em arte. Grupo de Pesquisa vinculado à Escola Guignard –

Universidade do Estado de Minas Gerais.

E-mail: buarte@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9354-8814>

Inesa Markava

Universidade de Coimbra / Portugal

E-mail: inesa.markava@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3392-8094>

RESUMO:

O projeto Tempus é desenvolvido pelas artistas Bruna Mibielli e Inesa Markava, também em parceria com outros artistas desde 2017, e busca dialogar, por meio de instalações, performances e videoperformances, com o conceito filosófico do tempo, refletindo sobre a permanência, a mudança, a renovação e a multiplicidade do tempo. O projeto se desenvolve em campo teórico e prático, tendo realizado diversas ações e apresentações em eventos internacionais.

Palavras-chave: *Arte. Tempo. Performances. Instalações. Multiplicidade.*

ABSTRACT:

Tempus Project is developed by the artists Bruna Mibielli and Inesa Markava also in partnership with other artists since 2017 and seeks to dialogue, through installations, performances and videoperformances, with the philosophical concept of time, reflecting on permanence, change, renewal and multiplicity of time. The project is developed in a theoretical and practical field, having carried out several actions and presentations at international events.

Keywords: *Art. Time. Performances. Installations. Multiplicity.*

RESUMEN:

El Proyecto Tempus es desarrollado por las artistas Bruna Mibielli y Inesa Markava también en alianza con otros artistas desde 2017 y busca dialogar, a través de instalaciones, performances y video performances con el concepto filosófico del tiempo, reflexionando sobre la permanencia, el cambio, la renovación y la multiplicidad de tiempo. El proyecto se desarrolla en un campo teórico y práctico, habiendo realizado diversas acciones y presentaciones en eventos internacionales.

Palabras-claves: *Arte. Tiempo. Performances. Instalaciones. Multiplicidad.*

Artigo recebido em: 15/03/2021
Artigo aprovado em: 24/09/2021

Tempus é um projeto que aborda o conceito do tempo por meio de experiências artísticas em relação ao espaço circundante, principalmente à natureza. Ele consiste em uma série de performances, videoperformances e fotoperformances, nas quais Bruna Mibielli, artista brasileira, constrói cenas e cria espaços para Inesa Markava, artista bielorrussa, explorar por meio da presença do seu corpo na obra, valendo-se de técnicas da dança e da performance. João Taurino, artista português e integrante do projeto, está envolvido nas práticas como músico, produzindo trilhas sonoras para as performances e videoperformances.

O contexto original do projeto está relacionado com os desastres ocorridos em Portugal durante a estação seca, especialmente a do ano de 2017, quando grandes áreas florestais foram totalmente queimadas, incluindo o pinhal centenário de Leiria, o grande desastre na região de Pedrógão Grande, para além de muitas casas e aldeias inteiras na região central deste país. A paisagem dantesca resultante dos incêndios, reincidentes a cada nova estação seca, foi um cenário presenciado pelos artistas que trabalham nesse projeto, dado os seus locais de residência naquele momento. Esse pano de fundo estimulou escolhas artísticas, refletindo sobre o que pode ser o tempo sob a égide da natureza.

Em 2017, a primeira performance do projeto ocorreu na Quinta Poço do Lobo na região central de Portugal, e com o título de *O jardim* (Fig. 1) explorava as potencialidades do espaço em contato com o tempo por meio de uma instalação feita por Bruna Mibielli com um grande rolo de papel (10m x 1m), pintado com as cinzas coletadas nos solos queimados. O papel criava um abrigo em forma de ovo para a performer Inesa Markava, que aguardava um bom momento para sair desse invólucro e explorar o ambiente, tendo por incentivo o som dos fluidos, gotejamentos e ritmos cardíacos compostos pelo músico João Taurino.

Mais tarde, em 2018, o grupo se reuniu para experimentar a interferência dessas ações no Pinhal de Leiria, que havia sido queimado há poucos meses. O resultado é uma fotoperformance intitulada *O abrigo* (Fig. 2), na qual os artistas buscaram sublinhar o conceito de vida e nascimento em meio a um ambiente que luta pela própria sobrevivência. Um ato que também afirma o ativismo por meio da arte, visto que a região central sofre, desde muito tempo, com as queimadas, pois, por ação do homem, tem grandes áreas plantadas em monocultura para exploração da madeira, seja em pinhais ou em eucaliptos e afins, tornando essas regiões muito propícias a incêndios pelo alto teor combustível de tais

madeiras e a ininterruptividade do padrão de ocupação do solo dos plantios. Esse pinhal centenário, que chegou a 11.080 hectares, plantado durante a monarquia no século XIII para conter o avanço do areal sobre a cidade de Leiria e terras agrícolas e para dar madeira para a construção das navegações, teve seu solo completamente esturricado, no qual se vê a areia negra na superfície, os troncos queimados até o topo, sem folhas e, após as primeiras chuvas, uma brilhante vegetação que nascia rasteira, tentando se equilibrar e germinar todo o resto. Esforço em vão da natureza em se recuperar, visto que decidiram por retirar as árvores e utilizar a madeira para fins comerciais.

Bruna Mibielli descreve a sua instalação realizada durante a performance no pinhal: “vejo um lugar a ser habitado. Construo um nicho com madeiras coletadas no local e depois um abrigo, um ventre de papel que vai proteger o ser. O papel é muito importante, porque ele é o suporte de infinitos diálogos na performance, ele é casa, casca, pele, veste. Pinto de negro o papel, sujo com pó. O pó normalmente se deposita com o tempo nas coisas e por isso eu gosto de trazê-lo para os meus objetos. O demorado ato de se depositar o pó sobre o papel simboliza também o cuidado com aquele ser. Qualquer nascimento ou metamorfose pede tempo, determinadas condições e cuidado. Eu tento criar essas condições e depois vou embora e deixo que a vida siga o seu rumo”.

Inesa Markava descreve a sua experiência durante a performance: “o meu corpo adormece em uma floresta queimada. Um largo papel branco forma um casulo e é um transporte de fuga para outro tempo e outro espaço presente. A transformação acontece pela escuta, pois o casulo impede-me de ver e convida a suspensão do movimento. Enquanto os meus olhos ficam fechados, a viagem sonora continua e resulta em metamorfose: os braços vão se abrindo e cada movimento faz o casulo dilatar e esticar. Alargada também renasce a visão depois da clausura: procura o espaço entre as coisas, nuvens e troncos. Os pés pousados nas cinzas, a cabeça procura o céu na paisagem, desoladora e escura”.

O projeto Tempus fez uma apresentação pública da performance na XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira, Portugal, em 2018, com o título *O tempo através da água ou o declínio da luz*, trazendo a público as preocupações em torno das questões ambientais relacionadas às queimadas e ao pinhal, mais diretamente. A madeira queimada coletada no Pinhal de Leiria foi trazida à praça de Vila Nova de Cerveira e serviu de material para as instalações

de Bruna Mibielli, que, em seguida, Inesa Markava veio a utilizar na performance (Fig. 3). Neste momento, o projeto também se completa com a participação do público que observa, comenta em voz alta as suas expectativas, nas falas curiosas das crianças e na espera paciente frente ao desenrolar do ato em si.

O projeto também filmou em 2018 uma videoperformance, *Nascimento e Metamorfose*, na praia de Vieira de Leiria, perto de onde se encontram as zonas queimadas e, uma vez mais, investiram no diálogo do tempo com a natureza por meio de instalações performáticas e danças /performances. Nesse trabalho apresentado por meio de duas filmagens exibidas lado a lado, a cena da esquerda decorre em tempo normal e mostra o nascimento, já a outra, em tempo reverso, mostra a metamorfose (Fig. 4 e Fig. 5). No diálogo entre as projeções ressaltam-se os movimentos temporais diversos a que nos submetemos enquanto viventes. Essa videoperformance foi contemplada pela curadoria da Fundação Bienal de Cerveira e foi apresentada na XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira, em 2020.

Em 2020, o projeto inicia um novo trabalho, transpondo algumas barreiras impostas pela pandemia de Covid-19, que impediu o encontro presencial das duas artistas. Inesa Markava se apropria de uma obra de Bruna Mibielli com o título de *Reservatório do tempo*, desenvolvida entre os anos de 2015 a 2018, integrante de em uma longa série de experimentos de como submeter as obras à ação do tempo atmosférico e da natureza. A obra escolhida por Inesa Markava consiste em uma pintura em nanquim sobre papel de algodão no formato de 10m X 1,5m, superfície esta que foi totalmente pintada em negro com pigmentos naturais e lançada ao mar para que este desbastasse a tinta (Fig. 6 e Fig. 7). A partir do imenso suporte, Inesa Markava apresenta em Leiria, com o apoio do Banco das Artes Galeria, uma performance intitulada *Uma rosa de fronteira* (Fig. 8), que investiga a relação espacial do seu corpo em relação à obra e o entorno do Jardim Luís de Camões, tendo por temas conceituais basilares a ideia de fronteira e a relação com a natureza.

O contexto teórico do projeto Tempus é ancorado nos temas da memória e do tempo, também abordados na teoria das imagens, na filosofia e em um panorama cultural das sociedades ocidentais. Por meio do estudo aprofundado da arte da memória, definiu-se como estrutura basal um tripé conceitual: lembrança, esquecimento e invenção, abalizado na teoria das imagens cuja importância é central para as práticas artísticas do grupo. O tema

do tempo, quando inserido na pesquisa, inaugurou os seguintes conceitos: permanência, mudança e renovação. Consequentemente, o projeto entende o tempo e seu caráter múltiplo e coexistente dentro da natureza, e busca a sua projeção cultural e artística.

O tempo, geralmente medido pela luz, estabelece estreita relação com os movimentos da Terra: rotação e translação. Isso significa que geralmente a sociedade toma como referência um movimento expresso por um corpo externo. O sol é o escolhido como referencial, pois é um corpo localizado fora da terra, ele está externamente, mas faz-se presente, mudando a vida na Terra de forma decisiva. Deve-se considerar, ainda, que o tempo não pode ser medido porque não pode ser dividido, ainda que a sociedade precise estabelecer parâmetros para organizar a vida. O projeto Tempus reconhece, portanto, que o tempo excede as medições de um relógio.

As línguas latinas usam a mesma palavra – como, em português, *tempo* – para compreender o tempo cronológico e o tempo atmosférico. Isso não ocorre em inglês, por exemplo: *time* é usado para o tempo cronológico e *weather*, para o atmosférico. Em alemão, ocorre o mesmo, *zeit* e *wetter*, respectivamente. Por essa razão, pode-se inferir que o *tempo* está presente e faz-se presente em outros elementos e no conjunto da natureza e suas manifestações como um todo, e não exclusivamente no registro da luz.

Portanto, o tempo no contexto artístico será compreendido como amálgama, que é a fusão entre diversos elementos. Pode-se afirmar que ninguém é mestre do próprio tempo, no sentido de que o tempo que se vive de fato se modifica a todo momento por influências externas. No entanto, estando ciente dos elementos que contribuem para grandes mudanças na gestão do tempo, a importância das imagens e da transformação através da arte, nos capacitamos a moldar experiências individuais.



Fig. 1 – Projeto Tempus: *O Jardim*, 2017. Quinta Poço do Lobo, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.

MIBIELLI, Bruna Penna; MARKAVA, Inesa. **Projeto Tempus: Percurso de criação.**

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021

Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

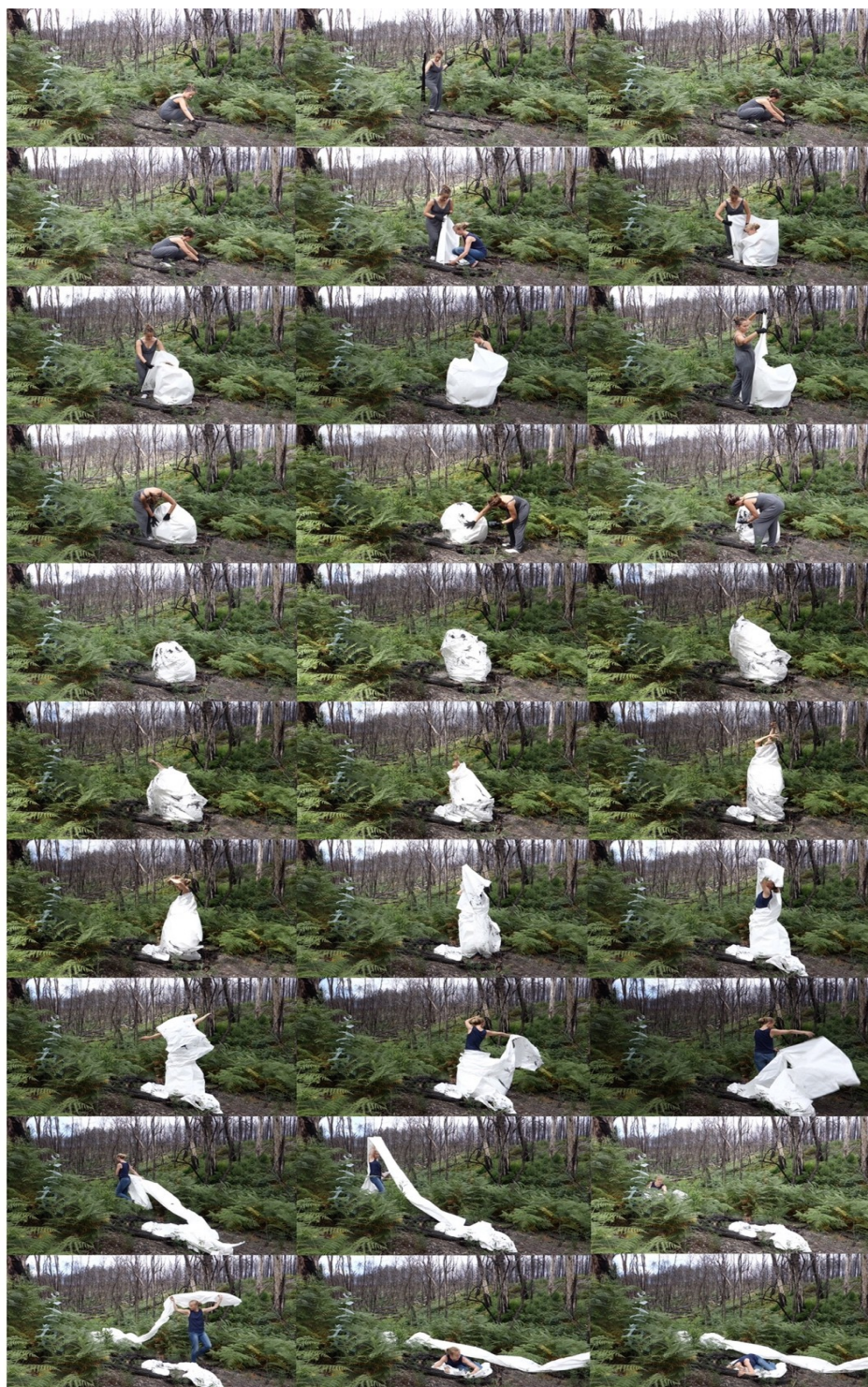


Fig. 2 – Projeto Tempus: *O abrigo*, 2018. Pinhal de Leiria, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.



Fig. 3 – Projeto Tempus: *O tempo através da água ou o declínio da luz*, 2018. Praça principal de Vila Nova de Cerveira, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.



Fig. 4 – Projeto Tempus: *Nascimento e metamorfose*, 2020. Praia Vieira de Leiria, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.

MIBIELLI, Bruna Penna; MARKAVA, Inesa. **Projeto Tempus: Percorso de criação.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021

Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>



Fig. 5 – Projeto Tempus: *Nascimento e metamorfose*, 2020. Praia Vieira de Leiria, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.

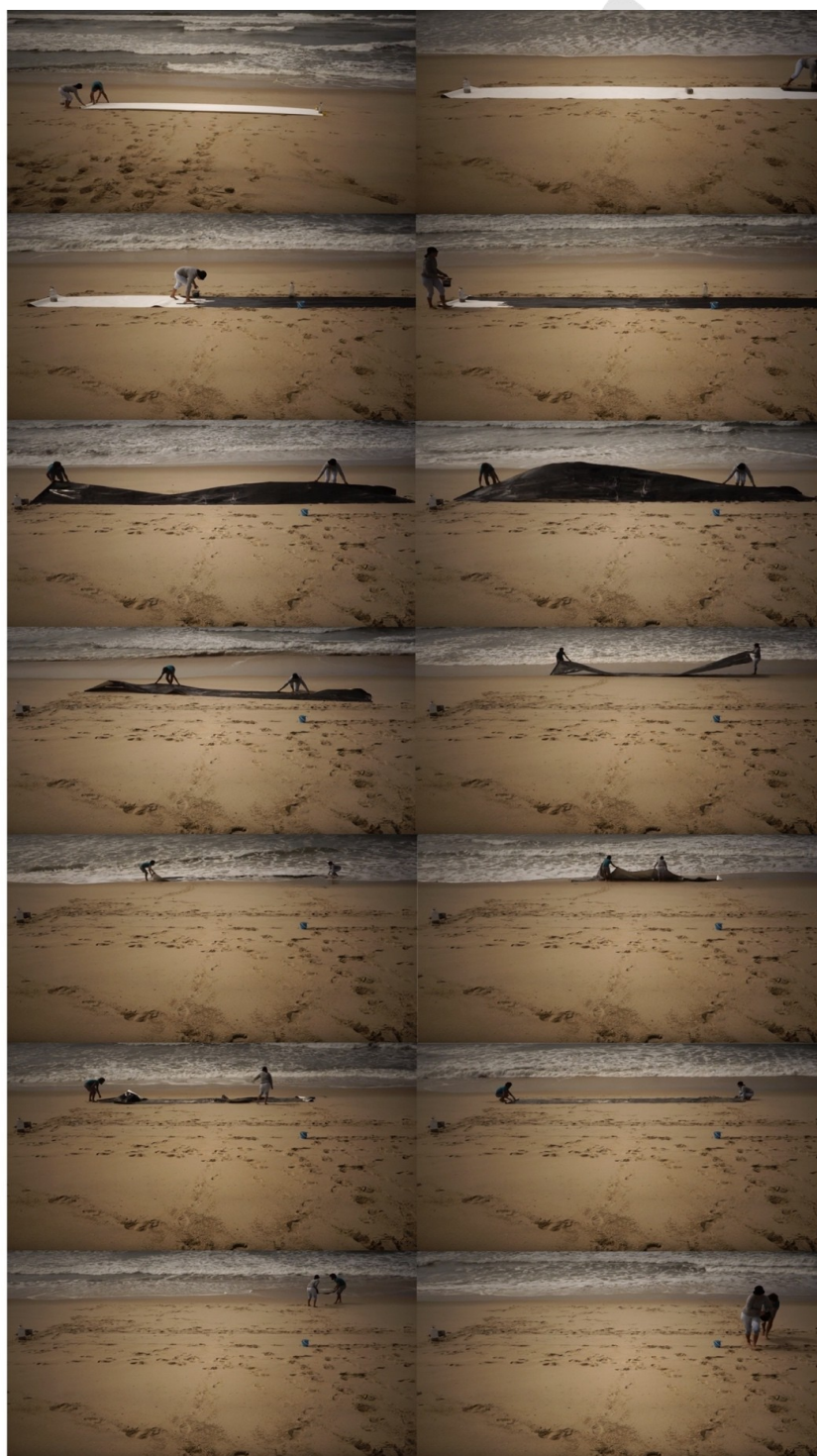


Fig. 6 – Projeto Tempus: *Reservatório do tempo*, 2018. Praia da Tocha, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.

MIBIELLI, Bruna Penna; MARKAVA, Inesa. **Projeto Tempus: Percurso de criação.**

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021

Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

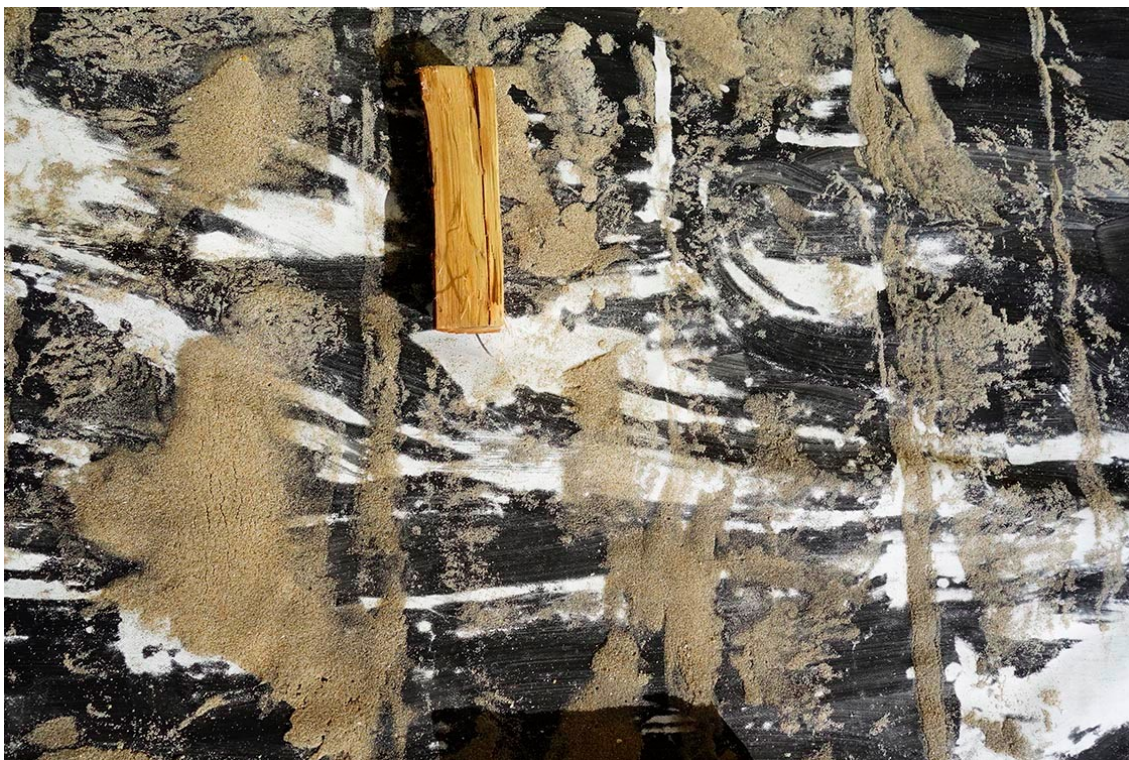


Fig. 7 – Projeto Tempus: *Secagem da obra em papel. Reservatório do Tempo*, 2018. Cantanhede, Portugal. Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.



Fig. 8 – Projeto Tempus: *Uma Rosa de Fronteira*, 2020. Jardim Luís de Camões, Leiria, Portugal.
Fonte: Arquivo do Projeto Tempus.

MIBIELLI, Bruna Penna; MARKAVA, Inesa. **Projeto Tempus: Percorso de criação.**

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set.-dez. 2021.
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>